



A FAMÍLIA COMO SUPORTE NA ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Ana Abadia dos Santos Mendonça¹

RESUMO

Este artigo é parte da minha dissertação de Mestrado que teve como tema a escolarização de alunos com deficiências intelectuais, no ensino fundamental I em quatro escolas do ensino regular da cidade de Uberlândia – MG. A pesquisa teve como referencial teórico, os autores: Mantoan (2006), Pereira-Silva e Dessen (2003), Pereira-Silva (2003), Carvalho (2000), Cessarín (1999), Martins (2006) e Glat (2004). É uma pesquisa qualitativa com entrevistas direcionada aos pais de 4 alunos com deficiências, um de cada escola e teve como objetivos: conhecer e discutir como pais e/ou responsáveis veem o processo escolar de seus filhos, como os acompanham nas atividades escolares e as perspectivas para eles, diante da escolarização. Ficou evidente que a escolarização de alunos com deficiências, só será passível de avanços, quando os pais e/ou responsáveis tiverem presentes no acompanhamento dos filhos no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Alunos com deficiências, Escola regular, Escolarização, Família.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é uma modalidade educacional proposta por legislações nacionais e internacionais e especialmente no Brasil, ela é amparada por diversas leis e decretos que regularizam a inclusão escolar dentro da escola regular, independente do nível em que esta instituição escolar atua.

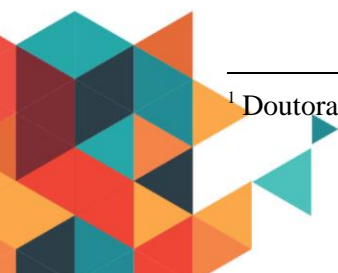
Todas as crianças têm o direito de serem escolarizados no meio de alunos representativos da normalidade, numa escola regular, dentro de uma sala comum.

De acordo com Mantoan, (2006):

O direito à educação é indisponível e, por ser um direito humano natural, não faço acordos quando me proponho a lutar por uma escola para todos, sem discriminações, sem ensino à parte para os mais e para os menos privilegiados. Meu objetivo é que as escolas sejam instituições abertas incondicionalmente a todos os alunos e, portanto, inclusivas (MANTOAN, 2006, p. 6).

Vivemos em um mundo de grandes transformações que vão acontecendo em todos os segmentos da sociedade. A escola não pode ficar alheia a tudo isso. A todo o momento nos deparamos com novas tecnologias, novos conceitos de sociedade, de escola, de pais, de filhos,

¹ Dotoranda em Educação. Universidade de Uberaba (UNIUBE). E-mail: ana_abadia@yahoo.com.br





de alunos, de professores, de educação, dentre outros. As constantes mudanças na área educacional exigem do atual sistema um repensar da formação do indivíduo.

Nesse contexto, a escolarização das crianças com deficiências também começou a ser questionada porque sempre foi pouco aceita pela escola regular, uma vez que se achava que crianças com deficiência não eram aptas para a aprendizagem escolar.

A inclusão escolar de crianças e adolescentes só é possível quando a família apoia e caminha junto com o(a) filho(a) de modo a dar o suporte, seja físico, social e emocional para que esta criança possa se desenvolver bem na escola regular. Pamplin (2005) defende que “o sucesso ou o fracasso escolar das crianças com deficiências não dependem apenas da qualificação dos profissionais que atuam nas classes especiais, mas também de expectativas e mensagens inconscientes que os pais transmitem às mesmas”.

A família é fundamental no processo educacional dos filhos com deficiências, uma vez que, sendo o apoio emocional e afetivo para estes indivíduos, o processo de educação escolar tornam-se mais promissores.

Autores de renome na área inclusiva educacional, como Mantoan (2006), Pereira-Silva e Dessen (2003), Pereira-Silva (2003), Carvalho (2000), Cessarim (1999), Martins (2006) e Glat (2004) discutem o processo educacional de alunos com deficiências e o papel da família nesta etapa de grande importância para esta parcela da sociedade.

Sendo assim esta pesquisa tem como objetivos: conhecer e discutir como pais e/ou responsáveis veem o processo escolar de seus filhos, como os acompanham nas atividades escolares e as perspectivas para eles, diante da escolarização.

METODOLOGIA

É uma pesquisa qualitativa executada por ocasião do Mestrado em Educação, desenvolvida em 4 escolas públicas e privada do ensino fundamental da cidade de Uberlândia – MG.

Os dados foram coletados através de entrevistas feitas aos pais e/ou responsáveis destes alunos, sendo 2 meninas e 2 meninos, com idades entre 7 e 15 anos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Uberaba (UNIUBE), sendo aprovada sob o Certificado de apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 15796613.5.0000.5145, com o Parecer de nº 278.398 de 21/05/2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os pais dos alunos com deficiência intelectual (DI) foram entrevistados em suas residências e se propuseram responder todas as questões ali apresentadas. A partir do quadro 1, temos as respostas a cada questionamento apresentado.

Quadro 01: Perspectivas do responsável em relação à escolarização de seu filho.

	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4
Como você vê seu filho sendo escolarizado?	Ela está se interessado por letras, números, cores, etc. Antes isso não acontecia.	Uma grande satisfação principalmente porque é um direito dela.	Sinto feliz. Ele já sabe as letras do alfabeto e escreve seu nome.	Acho muito bom.
Incentiva sempre?	Sim. Percebo que ela gosta de aprender.	Sim. Porque considero importante demonstrar que ela pode contar comigo sempre e torço pelo seu sucesso.	Sim. Para ele se tornar uma pessoa independente.	Sim. Porque ele é capaz de aprender algumas coisas e vai fazer bem para ele.
Expectativas em relação à escolarização	Que ela se alfabetize.	Que ela seja alfabetizada.	Que ele chegue ao ensino superior.	Não tenho expectativas, mas acho que ele vai aprender muito ainda.
O que mais incomoda na relação de seu filho na escola?	Nada.	Não ter o AEE.	Não estar preparada para alfabetizar uma criança com DI.	Tentar se comunicar com os colegas e não ser entendido. Já há um avanço com 3 deles.
E da escola com você?	Nada.	Nada.	Na chegada da aula não ter ninguém para recebê-lo e acompanhá-lo.	Nada.
Existem barreiras que interferem na escolarização de seu filho?	A fala e o atraso cognitivo.	Ela não foi alfabetizada e conseqüentemente não acompanha a turma.	A fala, concentração e atenção, professores preparados.	Comunicação verbal e escrita para expressar o que quer falar.
Há preconceito da escola com relação à escolarização de seu filho?	Não.	Nenhum.	No início sim com relação às atividades coletivas da escola.	Não.
Atitudes que vê na escola e na sociedade e que acha que são benéficas para a escolarização de seu filho.	O AEE auxilia na aprendizagem, professores preparados e dispostos a trabalhar com crianças com deficiências.	A inclusão na escola regular embora parcial, mas não atenda às crianças com DI.	Informações e materiais preparados exclusivamente para DI e psicólogos.	Material pedagógico para auxiliar na escolarização e professor de apoio.
Sugestões	Trabalhar a inclusão de forma mais efetiva com a sociedade.	Todas as escolas deveriam ter AEE.	Colocar professor substituto imediatamente para cobrir os de licença médica.	Nenhuma.
Expectativa com	Que ela continue	Que seja	Que ele chegue à	Não tenho.



relação ao estudo para seu filho.	gostando da escola e vou incentivá-la até seu limite.	alfabetizada e que tenha o AEE.	universidade.	
-----------------------------------	---	---------------------------------	---------------	--

Fonte: Entrevistas com os pais.

Aqui podemos comprovar que os pais querem ver seus filhos alfabetizados em primeiro lugar e alguns deles gostariam de vê-los numa universidade. Isto vem mostrar como estes genitores não pensam em desistir de suas crianças incentivando-os sempre a aprender e se escolarizarem.

Os pais informam de maneira clara sobre as barreiras que atrapalham um melhor desenvolvimento dos filhos na escola. Têm uma clara visão que a fala e sua deficiência intelectual são obstáculos fortes que fazem com que eles não consigam atingir as metas de escolarização. O incentivo dos pais vem de encontro com o que diz a Declaração de Salamanca:

[...] encorajem e facilitem a participação de pais, comunidade e organizações de pessoas portadoras de deficiência nos processos de planejamento e tomada de decisão concernentes à provisão de serviços para necessidades educacionais especiais (UNESCO, 1994, p. 8).

Este é o papel da família, estar atenta a tudo que acontece na escola onde seu filho estuda, procurando informações sobre tudo que tem dúvidas ou se situar como anda a aprendizagem deles. Sem a família a escola não pode caminhar no rumo certo da inclusão destas crianças.

Os genitores entrevistados dos quais os filhos que fazem o atendimento educacional especializado (AEE), elogiam este trabalho e dizem com certeza que tem ajudado muito no desenvolvimento intelectual dos filhos. Entretanto para a mãe da Escola 2, ela afirma categoricamente que o AEE é o que realmente falta para sua filha conseguir seguir mais adiante com segurança e até evitar tantas reprovações. Ela disse informalmente que preocupada com a falta deste atendimento, tentou juntamente com a Secretaria Municipal de Educação uma maneira de atender sua criança e ouviu dessa instituição, que não poderia dar este atendimento, uma vez que sua filha não era aluna da rede municipal.

No que se diz a respeito ao preconceito contra os filhos, houve uma unanimidade de que isto não acontece na escola onde eles estão incluídos. Esta barreira prejudica e impede alunos com deficiências de serem escolarizados e mesmo socializados no meio escolar.

A escola inclusiva não escolhe ou diferencia, ela valoriza o ser e aprende a conviver, livre de preconceitos. Como diz Mantoan (2006, p. 16), “Se o que pretendemos é que a escola





seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconheça e valorize as diferenças”.

A escola pode perpetuar preconceitos, mas também pode desconstruí-los. Cabe à escola o comprometimento com os direitos dos alunos com deficiências.

Os pais ainda responderam questões diversas relacionadas com a escola, seus anseios em relação aos filhos, dentre outros assuntos descritos no quadro 02.

Quadro 02: Envolvimento dos genitores em relação à escola e ao filho.

	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4
Costuma ir à escola de seu filho em que situações?	Reuniões, quer falar com a professora, há festas ou outras atividades, conhecer o trabalho que está sendo feito com ele, necessita falar com a diretora para resolver problemas relacionados à aprendizagem, deseja saber do comportamento do filho e é solicitados a colaborar com as atividades escolares e extraescolares.	Reuniões, falar com a professora do filho, festas e atividades e deseja saber do comportamento da filha.	Reuniões, quer falar com a professora, há festas ou outras atividades, conhecer o trabalho que está sendo feito com ele, necessita falar com a diretora para resolver problemas relacionados à aprendizagem, deseja saber do comportamento do filho e é solicitados a colaborar com as atividades escolares e extraescolares.	Reuniões, quer falar com a professora, conhecer o trabalho que está sendo feito com ele, necessita falar com a diretora para resolver problemas relacionados à aprendizagem, deseja saber do comportamento do filho e é solicitados a colaborar com as atividades escolares e extraescolares.
Importância da escola para você.	Ensina-a a ler, a escrever, a conviver com os colegas e demais pessoas e a ser educada.	Ensina-a a ler, a escrever, a conviver com os colegas e demais pessoas.	Distrai o seu filho ensina-o ter modos, a ler, a escrever, a conviver com os colegas e demais pessoas e ensina-o a ser educado.	Ensina-o a ler, a escrever, a conviver com os colegas e demais pessoas e a ser educado.
Sabe o que passa sobre o trabalho efetuado com o seu filho?	Sim. Tento me inteirar de tudo o que acontece com sua filha na escola.	Sim. Estou sempre atenta.	Sim. Nunca perdemos a sintonia com a e escola.	Sim. Sempre estou na escola.
Motivo da colocação de seu filho na escola regular.	Acho que ela tem capacidade e condição de acompanhar o ensino regular.	Acredita que é neste ambiente que ela pode conviver com as diferenças, aprender mais, socializar.	Maior convivência e desenvolvimento com os colegas normais.	Porque toda criança tem de estudar, mesmo ele não aprendendo como outra criança, ele deve continuar, porque ele só tem a ganhar.
Ele já frequentou escola especial?	Não.	APAE por 4 anos. Gostei do trabalho terapêutico, mas a socialização era limitada, quase inexistente.	Não.	Sim. Houve socialização até quando ele percebeu que as outras crianças também tinham deficiência. Ele quer ser normal.
Razão principal	Alfabetização,	Ter uma formação	O desenvolvimento	Para ele não ficar





para seu filho frequentar a escola regular.	aprendizagem de maneira geral e convivência social.	acadêmica regular e fazer uso do seu direito.	integral.	em casa isolado do mundo.
Considera que seu filho aprende o que é ensinado na escola?	Sim. Ela mostra isso em casa, claro que no tempo dela.	Sim. Aprende num ritmo diferente de seus colegas.	Nem tudo por causa das suas limitações.	Às vezes. Pela falta da fala que ele tem.

Fonte: Entrevistas com os pais.

A escolarização do filho deficiente representa para algumas famílias uma parte importante no processo de socialização. Percebe-se que há uma insistência por parte de algumas famílias que possuem filhos com deficiências nesse processo. Essa é vista por alguns pais como uma forma de garantir a independência econômica e social de seus filhos, além de possuir um caráter de urgência, uma vez que os pais temem pela sobrevivência dos filhos após seu falecimento (PAMPLIN, 2005, p. 6-7).

Carvalho (2000) aponta para diferentes tipos de envolvimento parental na educação, sendo eles:

- ajuda da escola à família;
- comunicação escola-família; ajuda da família à escola;
- envolvimento da família em atividades de aprendizagem em casa;
- participação na tomada de decisões e intercâmbio com a comunidade.

A família é o alicerce para a escolarização de criança com deficiências em geral e não poderia ser mais ressaltada com relação às com deficiência intelectual, uma vez que estas são as mais excluídas da escola regular. É interessante notar que nas falas dos pais há uma forte tendência àquela velha dicotomia normal versus anormal. Isso talvez aconteça como uma tentativa de explicitar a percepção dos mesmos nas diferentes situações que seus filhos vivenciaram na escola e do que isto representa para eles enquanto pais (Morejón, 2001).

A família constitui o primeiro universo de relações sociais da criança, podendo proporcionar-lhe um ambiente de crescimento e desenvolvimento, especialmente em se tratando das crianças com deficiência intelectual, as quais requerem atenção e cuidados específicos. Os pais vão se superando, sobrevivendo à deficiência, e começam a criar expectativas que vão de positivas a negativas (SOUZA E BOEMER, 2003). Independente da situação em que se encontra cada criança, os pais esperam que o desenvolvimento do filho melhore, ou seja, normal. O desejo de cura é uma constante nessas famílias (HOHER e WAGNER, 2006).

A angústia da família por ter um filho com deficiência leva pais e mães a não aceitarem de imediato estes filhos. A mãe do aluno da Escola 4 disse que só conseguiu aceitar



a deficiência do filho, depois de todos os tratamentos possíveis para a cura e conversas com psicólogos. Atitude que levou o adolescente querer ser normal, como ficou evidenciado no quadro acima.

Sendo assim Martins estabelece que;

O processo educativo inclusivo traz sérias implicações para os docentes e para as escolas, que devem centrar-se na busca de rever concepções, estratégias de ensino, de orientação e de apoio para todos os alunos, a fim de que possam ter suas necessidades reconhecidas e atendidas, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidade (MARTINS, 2006, p. 20).

A escola é uma instituição que deve acolher todos os indivíduos indiferente de possuírem deficiência ou não, com métodos e técnicas diversificadas, adequação do currículo, professores preparados que possam desenvolver de fato o processo ensino-aprendizagem de forma consciente e onde todos possam aprender sem deixar de fora a família, que deve se tornar grande aliada na construção do conhecimento dos alunos com deficiência.

A família é considerada como o primeiro espaço psicossocial, ponto de apoio e de partida das relações a serem estabelecidas como o mundo.

Macedo afirma que a família:

[..]é a matriz da identidade pessoal e social, uma vez que nela se desenvolve o sentimento de pertinência, que nomeia e fundamenta a identificação social da criança, bem como o sentimento de independência e autonomia buscado no processo de diferenciação, que permite a consciência de si mesmo, como alguém diferente e separado do outro (MACEDO, 1997, p. 63).

Desta forma, a família é entendida como um sistema social, que proporciona a seus membros a construção de uma identidade pessoal e social, oportunizando lhes, também um ambiente propício ao desenvolvimento de afetivo, cognitivo e social.

Apesar da ênfase dada ao papel da família ao crescimento físico, emocional e afetivo das crianças, algumas considerações merecem destaque em relação à famílias que possuem um filho com alguma deficiência.

Segundo Buscaglia (1993), para a maior parte das famílias, o nascimento de um filho é um momento de alegria, de confraternização, de orgulho e de celebração da vida. No entanto, para outras o nascimento de um filho pode não ser um momento de alegria. Ao contrário pode ser um momento de angústia, de medo, de tristeza, de lágrimas e de desespero. Pode ser a mudança radical do modo de vida dos pais e demais pessoas envolvidas, mesmo que a deficiência seja diagnosticada mais tarde, quando a criança já

esteja com alguns meses ou anos, uma vez que a espera por um filho de acordo com os padrões normais nesse momento se transforma em frustração por se sentirem incapacitados de gerarem um filho com os de outros parentes ou amigos.

Embora cada família seja única, o nascimento de um filho com deficiência gera sentimentos contraditórios que afetam os diversos aspectos da vida familiar, inclusive nos aspectos econômicos, social e emocional (CESARIN, 1999). No caso do nascimento de uma criança com deficiência, a situação não é diferente, os pais não sabem como lidar com ele e o desconhecimento da deficiência torna-se uma fonte de tensão, comprometendo a situação atual e os projetos futuros. O momento inicial é sentido como o mais difícil para a família (PETEAN, 1995), a qual tem que buscar a sua reorganização interna (TAVEIRA, 1995) que, por sua vez, depende de sua estrutura e funcionamento enquanto grupo e, também, de seus membros, individualmente.

As reações dos pais à informação de que seu filho é uma criança com deficiência têm sido comparadas às experiências de perda de alguém amado por morte ou separação. A família passa, então, por um longo processo de superação até chegar à aceitação da sua criança com deficiência intelectual. Essa família vai do choque, da negação, da raiva, da revolta e da rejeição, dentre outros sentimentos, até a construção de um ambiente familiar mais preparado para incluir essa criança como um membro integrante da família. Segundo Cesarin (1999), a reorganização familiar fica mais fácil quando há apoio mútuo entre o casal.

As famílias restabelecem o seu equilíbrio de maneira variada, dependendo dos recursos psicológicos utilizados para tal fim. Gallimore et al (1996) mostram que as adaptações das famílias de crianças pré-escolares com atraso no desenvolvimento apresentam um panorama misto de continuidades e mudanças em seus padrões de interação até a segunda infância da criança.

A influência da família no processo de escolarização do deficiente intelectual é uma questão que deve ser analisada levando em consideração a facilitação ou impedimento que a família traz para a integração da pessoa com deficiência na comunidade, na própria família e na escola (Aranha, 2004). Quanto mais a criança levar uma vida normal dentro da família, sua independência, seja com a própria higiene, alimentação, arrumação do seu quarto, etc., mais possibilidades esta criança terá de melhor desenvolver seu processo de aprendizagem.

Resultados do estudo de Pereira-Silva e Dessen (2003), Pereira-Silva (2003), realizado no contexto brasileiro, apontam na direção de pais participativos, que iniciam mais interações que as mães, sugerindo possíveis diferenças culturais.

Compreender como funcionam as famílias de crianças com deficiências não é uma tarefa fácil. O avanço ocorrido na ciência do Desenvolvimento Humano, especialmente a partir de meados do século passado, e a ênfase atribuída às relações ocorridas dentro da família como um dos fatores preponderantes para a compreensão do desenvolvimento humano, particularmente nos primeiros anos de vida, têm suscitado reflexões e acarretado desafios metodológicos.

Segundo Vygotsky (1991a , p.74) “o aprendizado é uma das principais fontes da criança em idade escolar e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o seu desenvolvimento mental.”

Entende-se que a família deve exercer o importante papel de educar a criança. É através da família e do comportamento dos seus membros em relação à criança e em relação aos próprios membros, que a criança com deficiências interioriza a alegria, a satisfação e o amor, ou não.

Quando as famílias são confrontadas com a deficiência do seu filho, tal como afirma Magerotte (1997) surge algumas dúvidas imediatas: O que fazer? Como educar? Como ajudar e contribuir para o desenvolvimento e para a felicidade deste filho?

As possibilidades de atendimento com sucesso e a obtenção de bons resultados dependem muitas vezes da gravidade do caso da criança com deficiência, pois quanto maior é esse grau, maior a carga de tensão e piores os resultados. Uma família psicologicamente saudável e emocionalmente estável, com apoios extrafamiliares (instituições, profissionais liberais, amigos, vizinhos ou grupos sociais) têm maiores possibilidades de encarar e tentar resolver a situação de buscar melhores alternativas para a socialização e a escolarização do sujeito.

A família é vista como um todo que influencia e é influenciada por outros familiares, de forma a que estes e até a própria comunidade possam efetuar um papel ativo contribuindo para a educação da criança.

As palavras de Glat (2004) vêm ao encontro das de Magerotte (1997) afirmando que é essencial que a família dedique e foque a sua atenção no filho com DI procurando estimulá-lo e incentivá-lo ao máximo na conquista da sua autonomia, desenvolvimento e crescimento de modo a que este possa “[...] viver uma vida o mais semelhante possível dos demais membros da sua família, tornando-se um peso menor para todos” (Magerotte, 1997, p. 35).

Sabe-se que a colaboração, por si só, será um conceito de grande valor dentro de uma organização. Sabemos também que, à priori, a colaboração entre a família e a escola varia conforme os níveis de ensino: as idades das crianças são diferentes, assim como os objetivos dos professores e dos pais e as suas expectativas. A colaboração implica parceria, envolvimento e participação de todos os intervenientes no processo.

Marques (1997, p.89) afirma que:

[...] Se quisermos que a escola promova o desenvolvimento integral dos alunos, teremos de torná-la não apenas um local de trabalho, mas também num local onde dê gosto viver. Na verdade, a escola é também um local de vida, um espaço onde as crianças e adolescentes passam grande parte do seu tempo [...]

Por este motivo, podemos afirmar que a escola é a principal responsável pelo sucesso escolar das crianças, todavia não pode responsabilizar-se sozinha.

À escola cabe o papel de estar sempre em sintonia com a família para então melhorar e contribuir da melhor forma possível com o desenvolvimento da criança, buscando tornar a criança com deficiência mais autônoma (PANIAGUA, 2008).

Segundo Moura (1980, p.137), é tarefa do professor o comum atendimento às crianças com DI. Tal atitude precisa ser marcada pela compreensão, pela dedicação e pela paciência. O professor deve prestar atendimento a todos os alunos, dar especial atenção aos alunos em questão, desprovido de preconceito e discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família constitui o alicerce da sociedade, sendo assim um dos principais contextos de desenvolvimento da criança, mantendo-se como elemento-chave na vida e no desenvolvimento da criança.

Para que a escolarização de alunos com deficiências seja efetuada, a família precisa estar com a escola, apoiar suas atividades pedagógicas, dar suporte emocional, técnico e profissional para alunos, pais e professores.

A integração da escola e da família deve ser mais constante nas atividades de socialização das crianças e trabalhar em parceria no processo acadêmico. Os pais devem estar envolvidos numa procura por bem educar seus filhos.

Diante de uma criança com deficiência, há uma tendência pela superproteção, na maior parte das vezes, esta é mais acentuada do que a situação exige. Porém, a superproteção



muitas vezes torna-se fator impeditivo de oportunidades que provavelmente potencializariam o desenvolvimento social e emocional da criança.

Para uma criança ou um adolescente com deficiência, o papel da família é fundamental, uma vez que, eles necessitam de muito apoio em casa no que se refere aos deveres escolares de maneira geral. É salutar que ambos, pais e escola caminham com um único compromisso: escolarizar bem os alunos com deficiências.

Referências

ARANHA, Maria Salete Fábio. (Org.). **Educação Inclusiva: a escola**. V. 3. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2004.

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais**. Trad: Raquel Mendes. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CARVALHO Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000. 174p.

CESARIN, Sônia. Aspectos psicológicos na Síndrome de Down. In: SCIIWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999, p. 263-285.

DESSEN, Maria Auxiliadora; PEREIRA-SILVA, Nara. Lima. Deficiência mental e família: uma análise da produção científica. **Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia**, v. 10, p. 12-23, 2003.

GALLIMORE, Ronald, COOTS, Jennefer, WEINER, Thomas, GARNIER, Helen & GUTHRIE, Donald. Family responses to children with early developmental delays II: Accommodation intensity and activity in early and middle childhood. **American Journal on Mental Retardation**, 1996, nº 101, p. 215-232.

GLAT, Rosana. **Uma família presente e participativa: o pape da família no desenvolvimento e inclusão social da pessoa com necessidades especiais**. Anais do 9º Congresso Estadual das APAEs de Minas Gerais: 2004. Disponível em http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/livros_artigos/pdf/familia.pdf. Acesso em 02/08/2013.

HOHER, Sígla Pimentel e WAGNER, Angélica Dotto Londero: **A questão da formação A transmissão do diagnóstico e de orientações pais de crianças com necessidades especiais profissional**. Estud. psicol. (Campinas), 2006. Disponível : <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n2/v23n2a02.pdf>. Acesso em 09/112013.

MACEDO, Benedita Cruz. O perfil da família e do portador de Síndrome de Down. In: Semana de Humanidades, 4. e Seminário de Pesquisa, 7., Natal: **Anais...** EDUFRN, 1997, p. 235.

MAGEROTTE, Ghislain. **As Famílias que acolhem uma criança com graves problemas de desenvolvimento são famílias a “tempo inteiro”!** António Rodrigues-Lopes (Coord., Org.). Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu, 1997.

MANTOAN, Teresa Egler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006, 64p.





MARQUES, Ramiro. **A Escola e os Pais como Colaborar?** Lisboa: Texto Editora. 1997.

MARTINS, Lúcia Araújo Ramos, PIRES, Gláucia Nascimento da Luz, MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de. (Org.) **Inclusão: compartilhando Saberes**. 2. ed. Petrópolis. R.J.: Vozes, 2006.

MOREJON, Kizzy. **A inclusão escolar em Santa Maria/RS na voz de alunos com deficiência mental, de seus pais e de seus professores**. São Carlos: UFSCar, 2001.

MOURA, Ênio. **Biologia Educacional**. São Paulo: Moderna, 1980.

PAMPLIN, Renata Christian de Oliveira. **A interface família-escola na inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais: uma perspectiva ecológica**. São Carlos: UFSCar, 2005.

PANIAGUA, Gema. As Famílias de Crianças com Necessidades Educativas Especiais. In: COLL, César., MARCHESI, Álvaro., PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**, Vol. 3, 2ª Ed. p.332. Porto Alegre : Artmed, 2008.

PEREIRA-SILVA, Nara Lima. **Famílias de crianças com e sem síndrome de Down: um estudo comparativo das relações familiares**. Brasília, 2003. 263 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Nacional de Brasília.

PETEAN, Eucia Beatriz Lopes. **Avaliação qualitativa dos aspectos psicológicos do aconselhamento genético através do estudo prospectivo do atendimento das famílias**. 1995. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, Campinas.

TAVEIRA, Rosana Maria Tristão. **Privação auditiva precoce em crianças portadoras da síndrome de Down e suas implicações para o desenvolvimento da linguagem**. 1995. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília.

SOUZA, Luciana Gomes Almeida e BOEMER, Magali Roseira. **O ser-com o filho com deficiência mental: alguns desvelamentos**. Paidéia (Ribeirão Preto), 2003. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2003000300010&script=sci_arttext&tlng=pt acesso em 29/12/2013.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Salamanca, Espanha, 1994. 49p.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991ª.

